


## ESTUDOS CULTURAIS FÍSICOS E FEMINISMO: RELAÇÕES ENTRE CORPO, GÊNERO E JUSTIÇA SOCIAL

Recebido em: 22/11/2023

Aprovado em: 23/02/2024

Licença: 

*Eduarda Carolina Irber*<sup>1</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Cuiabá – MT – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-7722-2272>

*Ábia Lima de França*<sup>2</sup>

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Salvador – BA – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-3087-0731>

*Vitor Hugo Marani*<sup>3</sup>

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Goiana – GO – Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-0972-5043>

**RESUMO:** Buscamos reconhecer como conhecimentos feministas contribuem para (re)interpretações teórico-metodológicas, a partir da produção de pesquisas/intervenções relacionadas à gênero no contexto da cultura física. Alicerçados numa abordagem qualitativa, selecionamos textos feministas dos Estudos Culturais Físicos. Como resultado, argumentamos que os textos exploram formas de teorizar gênero e as múltiplas operações do poder social a partir da radicalidade do corpo como local central dessas relações; apontam para a autorreflexividade exercida pelas pesquisadoras ao

<sup>1</sup> Mestranda bolsista do Programa de Pós-Graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso - PPGEF/UFMT; Graduada em Educação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/CUA); Graduação Sanduíche, Intercabista pelo edital PAME 2021/1 (SECRI- UFMT/CUA) como estudante de graduação do IV Semestre do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidad Pedagógica Nacional (Colômbia)- mobilidade virtual em decorrência da pandemia de COVID-19; Pesquisadora do grupo de Pesquisa Corpo, Diferença e Educação Física, do curso de Educação Física da UFMT/CUA; Associada ao Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE).

<sup>2</sup> Doutora em Educação e Contemporaneidade (UNEB), mestra em Educação (UFBA). Especialista em Prescrição de exercício físico aplicado a reabilitação cardíaca e grupos especiais pela Universidade Estácio de Sá. Licenciada em Educação Física (UFBA). Professora da Rede Municipal de Educação em Salvador e professora efetiva no Departamento II da UFBA. É coordenadora adjunta do GTT Gênero do CBCE; integrante da comissão editorial da Revista Íbamo. Capoeirista, pesquisa no campo da formação, relações de gênero, feminismo e capoeira.

<sup>3</sup> Doutor em Educação Física (UEM), com período sanduíche (PDSE/CAPES) na Universidade de Maryland (EUA), na linha de pesquisa Physical Cultural Studies/PCS. Mestre em Educação Física (UEM), Especialista em Dança (UNIFAMMA) e Licenciado em Educação Física (UEM). É Docente no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), na Universidade Federal de Goiás (UFG). É Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF/UFMT), Líder do Grupo de Pesquisa Corpo, Diferença e Educação Física (CODEF/UFG/CNPq). É Coordenador do GTT-Gênero do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

narrarem suas experiências em pesquisas; e, acenam para o imperativo político como base para a mudança social progressiva, engajando-se com questões que transcendem a categoria “gênero”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudos culturais. Gênero. Esporte.

**PHYSICAL CULTURAL STUDIES AND FEMINISM ASSEMBLAGE:  
RELATIONSHIPS BETWEEN BODY, GENDER AND SOCIAL JUSTICE**

**ABSTRACT:** We seek to recognize how feminist knowledge contributes to theoretical-methodological (re)interpretations, based on the production of research/interventions related to gender in the context of physical culture. Based on a qualitative approach, we selected feminist texts from Physical Cultural Studies. As a result, we argue that the texts explore ways of theorizing gender and the multiple operations of social power based on the radicality of the body as the central location of these relationships; point to the self-reflexivity exercised by the researchers when narrating their research experiences; and, they point to the political imperative as a basis for progressive social change, engaging with issues that transcend the “gender” category.

**KEYWORDS:** Cultural studies. Gender. Sport.

## **Introdução**

Neste estudo, buscamos discutir acerca das relações entre Estudos Culturais Físicos (ECF) e Feminismo por meio de leituras iniciais que demarcaram aproximações teóricas entre estes campos na última década (THORPE; BARBOUR; BRUCE, 2011; OLIVE, 2017; THORPE; MARFELL, 2019). A partir deste objetivo, nos engajamos com textos de teóricas feministas que se propuseram a pensar como as questões de gênero atravessaram a produção do conhecimento dos Estudos Culturais Físicos. Nesse sentido, contribuindo para produção de avanços epistemológicos nas relações entre corpo, cultura física e relações de poder (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017).

Essa possibilidade analítica decorreu da visualização de inúmeras reivindicações teórico-metodológicas produzidas no interior do próprio campo para o reconhecimento das contribuições da epistemologia feminista nos ECF. Essas reivindicações, posicionadas em distintos momentos da produção de conhecimento nos ECF (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017), ofertaram novas possibilidades de considerar o corpo no

processo investigativo. Dessa forma, reforçando o compromisso em desafiar injustiças sociais, como explica Louro (1997), ao demarcar o papel político do movimento feminista, experienciadas por corpos culturalmente colocadas à margem da leitura social, notadamente, por meio da identidade de gênero na cultura física.

Os Estudos Culturais Físicos, de acordo com Andrews (2008), emergem como um projeto acadêmico que usufrui de uma sensibilidade qualitativa para o engajamento social em diferentes locais de materialização da cultura física. Para isso, apresentam diferentes maneiras de identificar, interpretar e, por vezes, transformar as injustiças sociais que são visualizadas nas distintas expressões do corpo humano na sociedade contemporânea (LARA; RICH, 2017). Logo, é uma abordagem que busca provocar reflexões em torno da “fiscalidade” (GIARDINA, NEWMAN, 2011), tomando o corpo como elemento central para que leituras sobre os fenômenos sociais mais amplos possam ser compreendidos em suas camadas sociais, políticas, tecnológicas, culturais no exercício físico, no tempo-espço do lazer, nos esportes e em outras expressões da cultura física (SILK; ANDREWS, 2011).

Os Estudos Culturais Físicos emergem como uma abordagem complementar à Sociologia do Esporte norte-americana, no interior dos cursos de Cinesiologia (ANDREWS, 2008). Como abordagem, congrega diferentes pesquisadores/as interessados em analisar e intervir contextualmente nas relações de poder que se materializam na cultura física (expressões lúdicas, esportivas, recreativas, estéticas, entre outras). Dito de outro modo, os ECF e aqueles/as que integram tal perspectiva, preocupam-se em produzir ações que intentem à mudança social por meio da identificação das inúmeras operações de poder que atravessam o corpo – em suas relações de classe, de gênero, de raça, de sexualidade, entre outras – nas distintas possibilidades de expressão da cultura física (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017). Isso

acontece porque partem do entendimento de que essas marcações identitárias contribuem para a produção de experiências, representações e subjetividades a partir de processos de injustiça social (ANDREWS; SILK, 2015).

Desse entendimento, buscamos reconhecer como os conhecimentos feministas, postos como importantes para a constituição epistemológica dos ECF, contribuem para suas (re)interpretações teóricas e metodológicas, a partir da produção de pesquisas e intervenções relacionadas, em um primeiro momento, às questões de gênero na cultura física (OLIVE; THORPE, 2011; PAVILIDIS; OLIVE, 2013; PAVILIDIS; FULLAGAR, 2014). Partimos da compreensão de Fullagar *et al.* (2019) ao apontarem os saberes feministas como possibilidade de intervenção social – na/pela pesquisa, contribuindo “para a compreensão das relações de poder implicadas no movimento corporificado” (FULLAGAR *et al.*, 2019, p. 1, tradução nossa).

O interesse pelo modo como estudos feministas (in)formam os Estudos Culturais Físicos não surgiu de forma aleatória, ao contrário, é fruto de um processo investigativo de aproximação teórica e empírica com e nos ECF, a partir de um contexto particular brasileiro. Teórica pelas incursões por manuscritos da abordagem desde o ano de 2017, na Universidade Estadual de Maringá, por meio do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade (GPCCL/UEM/CNPq) e dos projetos de pesquisa institucionais, os quais foram reforçados na Universidade Federal de Mato Grosso e, posteriormente, Universidade Federal de Goiás, por meio do Grupo de Pesquisa Corpo, Diferença e Educação Física (CODEF/UFG/CNPq). E, empírico pela imersão no contexto norte-americano, por meio da experiência no Grupo de Pesquisa Physical Cultural Studies, na Universidade de Maryland, nos Estados Unidos, entre 2019 e 2020.

Complementar a isso, passamos a investigar os estudos feministas no interior dos Estudos Culturais Físicos, mais diretamente, nos encontros de estudos no curso de

Educação Física, da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário do Araguaia. Por meio das leituras e do desenvolvimento do projeto institucional denominado “Diálogos entre Estudos Culturais Físicos e Feminismo: (re)leituras das relações entre corpo, cultura e poder?”, nos dedicamos a um programa de leitura, desde abril de 2021. Mediante esse panorama, direcionamos esforços em compreender os diálogos com os estudos feministas, com o intuito de entender como essas contribuições ampliam e potencializam o ato de “praticar”, como sugerem Andrews e Silk (2011), os Estudos Culturais Físicos em nossa realidade local, como tem sido feito em distintas produções (MARANI *et al.*, 2021; MARANI; SÁ; LARA, 2021; SÁ; MARANI; LARA, 2021; ARAÚJO; SOUZA; MARANI, 2022; LARA; SÁ; MARANI, 2023; PEREIRA FILHO; IRBER; MARANI, 2023; SÁ; MARANI; LARA, 2023; SANDOLI; MARANI, 2024; SOUSA; GRANDO; MARANI, 2023; MARANI; FRANÇA, 2024).

A nossa proposta de estudo também é fruto da leitura de críticas realizadas aos Estudos Culturais Físicos na Sociologia do Esporte norte-americana, pois houve a produção de um artigo em que estudiosas feministas criticavam o modo como os ECF foram anunciados como abordagem “inovadora”. O estudo de Adams *et al.* (2016), intitulado “Feminist cultural studies: uncertainties and possibilities”, pode ser citado como um dos exemplos de negação à tentativa de estruturação acadêmico-científica dos ECF. Publicado no *Sociology of Sport Journal*, o artigo reúne contribuições individuais e coletivas de oito autoras feministas, cujo foco esteve nas críticas realizadas pelas autoras ao que elas chamaram de falta de reconhecimento de um movimento já existente no campo dos estudos feministas e de produções qualificadas nesse âmbito (ADAMS *et al.*, 2016, p. 75, tradução nossa).

As potentes críticas dessas autoras corroboraram para tensionar a relação entre os Estudos Culturais Físicos e a epistemologia feminista, de modo que essas críticas

foram importantes para os/as estudiosos/as dos ECF ressignificassem os fundamentos da abordagem. Como efeito, a organização da obra *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies* (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017), demarca em diversos capítulos a preocupação em tematizar o feminismo, tanto indiretamente, como fazem os textos de Silk e Mayoh (2017) e Evers e Germon (2017), quanto diretamente, como no texto de Olive (2017). Nesta formação teórica, por exemplo, observamos a produção de textos e de falas que estão atentas à produção feminista, reposicionando seu lugar no interior do campo de estudos (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017).

Partindo deste pressuposto, este estudo objetiva analisar o percurso feminista nos Estudos Culturais Físicos, identificando contribuições no processo de produção de conhecimento. Para tanto, estruturamos uma revisão bibliográfica qualitativa, baseada em Denzin e Lincoln (2006), sob critérios que abraçam a transdisciplinariedade existente entre o campo intelectual dos Estudos Culturais Físicos e os saberes feministas (THORPE; MARFELL, 2019). Com isso, selecionamos textos feministas demarcados em momentos distintos, a saber: a) “Wandering and Wondering”: Theory and Representation in Feminist Physical Cultural Studies (THORPE; BARBOUR; BRUCE, 2011); b) The political imperative of feminism (OLIVE, 2017); e, c) Feminism and the Physical Cultural Studies Assemblage: Revisiting Debates and Imagining New Directions (THORPE; MARFELL, 2019).

Como justificativa dessa seleção informamos que o artigo de Thorpe, Barbour e Bruce (2011) foi o primeiro manuscrito que demarcou a proposta feminista no interior dos ECF, sendo publicado na Edição Especial dos Estudos Culturais Físicos, em 2011, do *Sociology of Sport Journal*, cuja intenção era contribuir com os Estudos Culturais Físicos na Sociologia do Esporte norte-americana. A escolha do segundo texto (OLIVE, 2017), é um capítulo de livro que integra a seção de “Fundamentos” do manual dos

Estudos Culturais Físicos, intitulado *Routledge Handbook Physical Cultural Studies*, o qual insere as bases feministas como parte dos fundamentos dos ECF. Já o terceiro, de Thorpe e Marfell (2019), justifica-se por ter sido uma resposta às críticas de Adams *et al.* (2016), alcançando uma publicação junto ao dossiê *Feminist Knowledges as Interventions in Physical Cultures*, na edição especial da *Revista Leisure Science*, em 2019, em que o termo Estudos Culturais Físicos Feministas aparece de forma delineada na produção.

A partir disso, foram desenvolvidos fichamentos dos textos referentes aos Estudos Culturais Físicos que se direcionam para o feminismo de forma mais direta em recortes de importantes momentos de tensão da abordagem. De maneira que expressam elementos dialógicos sobre as questões políticas, o engajamento social na/pela pesquisa, a posição do corpo como central, a cultura física atravessada pelas relações de poder atribuídas e demarcadas a partir do gênero, entre outros. Como resultado, desenvolvemos tópicos relacionados aos textos, de modo a sintetizar as principais ideias para, nas considerações finais, produzirmos reflexões acerca das contribuições feministas nos Estudos Culturais Físicos. Em linhas gerais, as pautas sobre os conhecimentos da abordagem dos Estudos Culturais Físicos, atreladas às contribuições Feministas, podem abrir espaços para debates/estudos futuros sobre temáticas pouco discutidas na área da educação física brasileira.

### **Abordagens Colaborativas e Centradas no Corpo: Diálogos Iniciais entre Feminismo e Estudos Culturais Físicos**

O diálogo dos Estudos Culturais Físicos e dos saberes feministas parte da publicação de “Wandering and Wondering”: *Theory and Representation in Feminist Physical Cultural Studies*, de Holly Thorpe (Universidade de Waikato/ Nova Zelândia);

b) Karen Barbour pesquisadora da (Universidade de Waikato/ Nova Zelândia); e, c) Toni Bruce (Universidade de Auckland/ Nova Zelândia). Esse artigo foi o primeiro trabalho desenvolvido nos Estudos Culturais Físicos sob a perspectiva feminista, apresentando-se, segundo as autoras, como um trabalho colaborativo que “explora o potencial dos Estudos Culturais Físicos para pesquisa colaborativa, interdisciplinar, teoricamente informada e reflexiva sobre o corpo feminino fisicamente ativo” (THORPE; BARBOUR; BRUCE, 2011, p. 107, tradução nossa).

As autoras utilizaram de narrativas autoetnográficas para a produção de análises sobre suas próprias experiências no contexto esportivo, dadas as particularidades de seus corpos nas diferentes modalidades retratadas nos relatos. Neste processo, aparecem muitas demarcações relacionadas ao gênero e à sexualidade, tendo como efeito, a tensão dessas relações que se encontra paralela ao questionamento da subjetividade, da constituição de identidade, no sentido de ser ou não mulher, de ser ou não heterossexual. Dessa forma, o esporte como espaço de disputas ideológicas, apresentam o jogo de poder existente entre as diversas políticas, que segundo as autoras Thorpe, Barbour e Bruce (2011, p. 107, tradução nossa), podem ser exploradas por meio de um “potencial [...] teoricamente informado” dos Estudos Culturais Físicos, oferecendo aparatos que envolvem a perspectiva colaborativa, multimetodológica, a interdisciplinar, desenvolvendo o senso político e a mudança social.

Thorpe, Barbour e Bruce (2011), desenvolvem as discussões a partir de relatos autoetnográficos, em que apresentam seus contextos se reconhecendo enquanto corpo feminino no esporte. A autora Karen Barbour, manifesta suas inquietações por meio do waka ama, espécie de remo da cultura Maori na Nova Zelândia, já Toni Bruce, abraça discussões que envolve o âmbito do basketball americano (EUA) e por fim Holly Thorpe se engaja a partir dos conflitos experienciados no snowboard canadense. Para



desenvolver as discussões do corpo feminino, a partir do gênero, da sexualidade, raça e contexto sociocultural, as autoras utilizaram o arcabouço teórico e metodológico feminista a partir das contribuições do campo, capital e habitus de Pierre Bourdieu. Dessa forma, o texto preocupa-se em demonstrar como o espaço esportivo é disputado por mecanismos de poder naturalizados, muitas vezes, potencializados por instituições como a família, a escola e neste caso, as próprias instituições esportivas, como federações e confederações de distintas modalidades.

No que diz respeito à metodologia, Thorpe, Barbour e Bruce (2011) utilizaram-se do relato autoetnográfico para se aproximar das experiências esportivas vividas por elas ao/à leitor/a, detalhando como a categoria “mulher” é investida de negociações de poder no âmbito esportivo. Por meio do que elas chamam de “gatilhos”, as autoras buscam o engajamento teórico para entender e questionar a estrutura patriarcal, potencializando o discurso e as dimensões utilizadas dos Estudos Culturais Físicos, que se diferem dos saberes feministas, mas que neste caso, não se distanciam. Com isso, focam na proximidade das contribuições de ambas as abordagens com o estudo dialógico e democrático, que avança na perspectiva pedagógica, tendo um potencial político em que contesta a injustiça social.

Adentrando a essa discussão, Karen Barbour, em sua narrativa, apresenta o choque de culturas e como essa relação foi tensionada no esporte, questionando o padrão naturalizado de mulher, considerando que ela estava em uma comunidade da cultura maori e a autora era originária da cultura americana. Barbour relata que o porte físico das “favoritas no Waka” era magro, pensando no contexto esportivo e no corpo em uma perspectiva estética, isso nos leva a questionar: qual o modelo de corpo ideal feminino no esporte? Considerando que a autora traz esse questionamento em seu relato (THORPE; BARBOUR; BRUCE, 2011).

Para fundamentar as discussões no meio esportivo, Thorpe, Barbour e Bruce (2011) apresentam por meio da narrativa de Holly Thorpe, como as relações de poder se estabelecem e como o corpo feminino ativo se depara com desafios de resistência por parte de praticantes de modalidades com predominância do gênero masculino. Nesse sentido, o fato de ser mulher e a esse corpo que se reconhece como feminino, é atribuída inúmeras sanções demarcadas pelo gênero, com a justificativa, de muitas vezes, o esporte ser algo perigoso, por exemplo (THORPE; BARBOUR; BRUCE, 2011).

Destarte, muitas mulheres que fazem Snorboard, segundo o relato de Holly Thorpe, quando incisivamente questionadas, demonstram o desejo de simplificar as características femininas, como o cabelo longo, por exemplo. Esse questionamento ultrapassa fronteiras esportivas, pois as mulheres são sempre questionadas, inferiorizadas de certa maneira, segundo Thorpe, Barbour e Bruce (2011), a leitura que atribuem valores a elas são feitas pelos seus atos e pelas suas características estéticas materializadas através do corpo. Quando essas características fogem do padrão naturalizado do corpo feminino, essas demarcações potencializadas pelo gênero, são associadas à masculinidade e isso leva a outros questionamentos relacionados com o gênero, como a sexualidade, por exemplo. Daí a seguinte reflexão: se as atitudes não se encaixam naquilo que é normativo como feminino, será mesmo que essa mulher/menina gosta de homens?

A partir dessas questões, Holly Thorpe relata estratégias de negociações com as relações de poder, a partir do momento em que se sente segura, provoca ações que permitem confrontar de forma positiva, no sentido de questionar o ambiente hostil e machista (THORPE; BARBOUR; BRUCE, 2011). Essa visão teoricamente informada, se vê no quesito de contestação da norma, de forma corporificada no esporte, estendendo-se para o coletivo de forma positiva no processo de apropriação. Nesse

sentido, repercute em utilizar algo imposto de maneira marginalizada e transformar para algo maior, para o coletivo, saindo da esfera privada rumo à esfera coletiva, como explica a pesquisadora.

Em outra narrativa, Toni Bruce apresenta discussões marcadas pelo gênero e sexualidade, questionadas através do corpo e de suas materialidades, novamente a estética e de certa forma até ao grupo pertencente. A autora indaga com detalhes essas corporificações de como o impacto performativo da naturalização de demarcações por meio do gênero é profunda, mesmo em um país como os Estados Unidos. A forma de se vestir e o jeito do cabelo, por exemplo, seria o suficiente para chegar a uma totalidade de qual a orientação sexual dessa pessoa, considerando que Toni Bruce pertencia a um time americano lésbico de basquete. Nesse sentido, a vivência esportiva feminina é desparelha em relação à masculina, no caso de Toni Bruce, o treinamento era corriqueiro, mas os treinos recebiam pessoas na prática esportiva independente do nível de habilidade. Desta forma, é como um ponto de incentivo e demonstração de como o poder é atribuído, excedendo as discussões para um espaço além do acadêmico e do esportivo que visa a competitividade.

Thorpe, Barbour e Bruce (2011), ao abordar essas dimensões projetam que essas discussões vão para além das fronteiras acadêmicas e do espaço da academia, que por meio do que elas chamam de narrativas de intermediação, exploram o espaço físico e as complexidades que aparecem na cultura física, no sentido de:

Seria um erro, no entanto, supor que os indivíduos incorporam passivamente e praticar normas e sistemas de valores dentro do campo, e apenas começar a criticamente refletir sobre suas experiências ao sair do campo. Em vez disso, os indivíduos frequentemente encontram diferenças e problemas dentro do campo que os encorajam a se envolver nas negociações do dia-a-dia de vários aspectos de sua identidade (por exemplo, gênero, cultura, raça, classe, sexualidade, nacionalidade, idade) (THORPE; BARBOUR; BRUCE, 2011, p. 117, tradução nossa).

Dessa forma, Thorpe, Barbour e Bruce (2011), indagam que essas discussões abordam campo de negociações sobre o feminino, perante o corpo, o poder atribuído por meio das relações é negociado o tempo todo. Nesse campo de negociações, o espaço esportivo por meio do estudo da cultura física, propõe essas discussões e por meio da teoria, aborda o questionamento em espaços antes pouco questionados. Dessa forma, Thorpe, Barbour e Bruce (2011) contribui para promover os Estudos Culturais Físicos em pelo menos duas maneiras:

Além de centrar as experiências vividas de mulheres (corpos femininos ativos) e as inúmeras formas de poder operando em nossos corpos, nossa tentativa de confundir a divisão entre pesquisador e pesquisado, entre reflexão e experiência (THORPE; BARBOUR; BRUCE, 2011, p. 108, tradução nossa).

A importância deste exercício autorreflexivo para as autoras é sustentada pelo seguinte argumento:

[...] compartilhar narrativas de nossas experiências e explorar conduzi-los ainda mais com a teoria oferece um bom lugar para começar uma nova interdisciplinaridade conversas que podem empurrar a pesquisa de Estudos Culturais Físicos em novas direções (THORPE; BARBOUR; BRUCE, 2011, p. 106, tradução nossa).

Todas essas discussões, se projetam para além do contexto esportivo, que são locais onde a cultura física aparece e abre espaço para que as relações de poder sejam observadas, questionadas e projetadas para uma possível intervenção, viabilizando a mudança social (SILK; ANDREWS, THORPE, 2017). De acordo com as autoras, o uso dos estudos feministas possibilitou abertura para que elas pudessem discutir suas inquietações e subjetividades femininas, nos espaços esportivos de pertença, gerando significativa conexão nas semelhanças de suas histórias, mesmo estando em narrativas contextuais diferentes.

O referido artigo é fruto de suspeita feminista acerca de um discurso demasiadamente masculino entre os primeiros representantes dos ECF, embora reconhecidos os esforços em considerarem contribuições de autoras feministas para a

germinação do estudo da cultura física, a exemplo de Jennifer Hargreaves e Patricia Vertinsky. Nessa perspectiva, a união das três feministas para a produção do texto coletivo que integra a edição especial, parte do entendimento de que as compreensões feministas acerca do corpo precisam estar alocadas no interior do projeto dos Estudos Culturais Físicos.

### **O Imperativo Político Feminista nos Estudos Culturais Físicos**

A bibliografia “O imperativo político feminista”, da autora Rebecca Olive (2017), explora como a pesquisa pode perpassar o que ela chama de “torre de marfim”, interpretado aqui como uma pesquisa que ultrapassa as fronteiras acadêmicas de forma física e intelectualmente. Esta publicação, faz parte do *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies* (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017), uma curiosidade sobre Olive (2017) é que está localizada em uma seção fundamental da obra, onde nos deparamos com elementos que embasam a abordagem, como por exemplo, a práxis e a reflexividade. Dessa maneira, Silk, Andrews e Thorpe (2017) reconhecem que o feminismo se apresenta como elementar para este campo intelectual.

Ao indagar o “imperativo político feminista”, Olive (2017, p. 51, tradução nossa), anuncia como ele é importante para o feminismo e está presente nos estudos da cultura física, no sentido de que “questões de práticas de pesquisa teórica e política são questões de práxis”. A práxis<sup>4</sup>, de acordo com Rebecca Olive, está intimamente ligada à dimensão da pesquisa que se desenvolve para a transformação social, engajando-se em uma pesquisa teórica que se aproxima da prática. Para isso, os esforços são direcionados

---

<sup>4</sup> A práxis, é um termo que “entendemos como enraizado em uma insistência feminista de que o conhecimento é útil, que entende teoria e pesquisa como prática” (SILK; MAYOH, 2017, p. 61, tradução nossa). Dessa maneira, propõe uma pesquisa projetada para além da dimensão teórica e prática, apresenta relevância de uma subversão social por meio de alguma iniciativa cabível de acordo com o contexto e com a pesquisa, é a produção de conhecimento que transita segundo Olive (2017), na qual, a dimensão social é atravessada pelas questões que partem do gênero segundo os olhares feministas para a cultura física.

às observações do corpo, no campo da cultura física e em como as relações de poder surtem efeitos impactando diversas esferas que borram o campo da cultura física e se aliam à perspectiva social, de maneira que:

Compreender as relações de poder no esporte como engajado com aspectos culturais, contextuais, corporificados e corpos móveis relacionais, ajuda a explorar como as diferenças de sexo e gênero são construídas, compreendidas, vivenciadas e negociadas por meio de subjetividades, participação, relacionamentos, representações e atuações em contextos socioculturais particulares. Bem como criticar o domínio continuado de homens e masculinidades nas culturas esportivas e físicas, esta pesquisa também destaca a capacidade facilitadora das relações de poder, em que as mulheres estão sempre perturbando e contestando discursos e normas estabelecidas (OLIVE, 2017, p. 53, tradução nossa).

As pesquisas que se encaminham nessa direção de investigar os efeito(s) resultante(s) da naturalização na organização dos corpos, regidos pelo binário que a autora chama de “normas estabelecidas”. O processo histórico que marca os corpos é atravessado por diversas categorias, que segundo Olive (2017), nos Estudos Culturais Físicos Feministas, pode ser alavancado por discussões pensadas a partir do gênero. Deste modo, ao “pensar sobre teoria, cultura e experiência em termos corporificados incita novas possibilidades para políticas e práxis de pesquisa” (OLIVE, 2017, p. 54, tradução nossa).

Como citado, o âmbito esportivo apresenta essa divisão demarcada pelo gênero e pela sexualidade com intensidade, dessa forma ao longo do processo histórico, o poder atribuído foi naturalizado para os corpos privilegiados, que em maioria das modalidades esportivas são os de sexo masculino, nesse sentido:

Ao se engajar com a teoria, esses reexames destacaram problemas que as mulheres enfrentaram na participação no esporte e contribuíram com novas perspectivas importantes que moldam a forma como pensamos agora sobre esporte, cultura física e corpos de forma mais ampla. Ou seja, a práxis estava implícita em tomar um ponto de vista feminino (OLIVE, 2017, p. 56, tradução nossa).

A autorreflexão é um ponto de partida para o engajamento de pesquisa, bem como o diálogo entre pesquisador/a e a pesquisa é um elemento muito importante em um estudo que utiliza elementos dos Estudos Culturais Físicos (ANDREWS, 2008;

SILK; ANDRES, 2011). O relacionamento entre práxis e a autorreflexividade em uma pesquisa, segundo Olive (2017), potencializa uma dimensão dos Estudos Culturais Físicos chamada de “práxis comprometida” que se apropria das contribuições feministas e da dimensão tácita dos ECF, no sentido político, pedagógico e teórico.

A perspectiva apresentada anteriormente se aproxima das ideias de Silk e Andrews (2011, p. 58, tradução nossa), ao expressarem o que compreende como ato de “praticar os ECF”, projetando como algo tácito e paralelo ao pensamento do imperativo feminista, isso direciona “a pesquisa feminista não é apenas uma forma de pensar e teorizar, mas é algo que fazemos” (OLIVE, 2017, p. 52, tradução nossa). Esse pressuposto intelectual é presente na abordagem dos Estudos Culturais Físicos, mas se entende que a dimensão prática é muito complexa, que exige muito rigor no sentido de que “os corpos estão sempre constituindo ativamente a cultura ao mesmo o tempo enquanto a cultura está constituindo subjetividades (OLIVE, 2017, p. 54, tradução nossa), ou seja, o indivíduo produz a cultura, embora seja produto do processo cultural, sendo a cultura parte do sujeito.

Em termos metodológicos, a pesquisa se apropria de um estudo pós-estruturalista qualitativo, com o “objetivo da pesquisa emancipatória é encorajar a autorreflexão e compreensão mais profunda por parte das pessoas pesquisadas, pelo menos tanto quanto é gerar conhecimento teórico empiricamente fundamentado” (OLIVE, 2017, p. 55, tradução nossa). Dessa forma, considerando o contexto e os elementos que os compõem, a metodologia é trilhada de acordo com o objetivo da pesquisa. A reflexividade do/a pesquisador/a se faz importante em um caminho democrático e dialógico entre o corpo pesquisado e pesquisador/a que se identifica por meio de alguma experiência no seu processo de construção com aquele corpo demarcado investigado, neste caso, o corpo feminino marginalizado e demarcado pela diferença.

Esse enredo, não restringe somente ao feminino, mas que parte do gênero ou das identificações com o feminino, como o corpo que, quando se depara com o chamado por Rebecca de “pontos cegos”, reflete sobre suas próprias demarcações que ocorreram na constituição do seu processo histórico. A autorreflexão faz o ato de pensar - sobre si e outros corpos que compartilham experiência semelhante - ir além e “continuar a desafiar as limitações de nossa visão contribuindo para argumentos mais fortes contra a contínua discriminação e marginalização institucionalizada e cultural” (OLIVE, 2017, p. 55, tradução nossa).

Nesse sentido, para atingir o âmbito social, é importante democratizar o conhecimento, utilizando formas por meio da mídia, por exemplo, fazendo chegar à dimensão pública, como indaga a autora: “[a] mudança cultural desta forma não é necessariamente rápida ou de longo alcance, mas para aqueles que impactam, pode ser significativo” (OLIVE, 2017, p. 57, tradução nossa). O corpo feminino marginalizado nos espaços em que a cultura física aparece, ainda enfrenta muita disparidade em relação ao corpo masculino.

Essas contribuições focam “nas relações de poder na experiência cotidiana, vivida e contextual, com a política feminista e os compromissos com a práxis e a equidade” (OLIVE, 2017, p. 55, tradução nossa). Desenvolvendo a perspectiva empírica, que desafia e questiona as normas estabelecidas, promovendo por meio da pesquisa, voz aos corpos femininos silenciados por diversas relações que operam o poder.

[...] a práxis de pesquisa por desenvolver uma maior consciência de como minha subjetividade limita minha pesquisa, envolvendo-se com interseções de subjetividades complexas em meu pensamento sobre sexo/gênero, e mantendo a pesquisa com base na experiência vivida continuam a ser contribuições importantes para o que podemos contribuir como pesquisadores e acadêmicos, além de nos estimular a explorar novas maneiras de conectar a pesquisa no campo para contribuir para a mudança em direção a uma maior equidade, através da comunidade, política, trabalho de campo e ensino (OLIVE, 2017, p. 59, tradução nossa).



Desta maneira, os Estudos Culturais Físicos ao se apropriarem das contribuições dos estudos feministas, fornecem aparatos epistemológicos para uma pesquisa pós-estruturalista, qualitativa, com engajamento político, que visa um impacto social, visibilizando corpos marginalizados. Mediante isso, observam a partir das discussões de gênero a relação de poder que surtem efeito nesses corpos, impactando assim por meio do desenvolvimento do estudo, outras esferas acadêmicas, sociais e culturais. Como citado acima, é necessário esforçar-se para criar conhecimento democrático que perpassa as fronteiras acadêmicas se apropriando de outros saberes, explorando o campo empírico teoricamente fundamentado. Olive (2017) destaca o comprometimento da investigação, o que ela chama de “práxis comprometida”<sup>5</sup>, uma teoria paralela à prática, que extrapola as fronteiras da academia, chegando à comunidade, à dimensão de intervenção social.

### **Dos Estudos Culturais Físicos Feministas: Caminhos Percorridos e Novas Direções**

O meio acadêmico exige algumas políticas para a produção de conhecimento, conforme Thorpe e Marfell (2019) essa política estabelecida está direcionada para um rigor que compõem a produção de estudo e da pesquisa, parafraseando as relações tensionadas por diversas correntes acadêmicas. O estudo, de Thorpe e Marfell (2019), intitulado “*Feminism and the Physical Cultural Studies Assemblage: Revisiting Debates and Imagining New Directions*” está situado em um dossiê promovido pela Revista *Leisure Sciences* de 2019. A referência foi publicada em uma edição especial em que autoras feministas que se reconhecem no interior dos Estudos Culturais Físicos se

---

<sup>5</sup> Práxis Comprometida, citada por Olive (2017), advém do compromisso de a pesquisa perpassar os muros da universidade, em um processo de democratização do conhecimento. Para contextualizar com o contexto brasileiro, trazemos Louro (1997) para discussão, que também indaga essa perspectiva feminista de compromisso acadêmico que chega ao contexto sociocultural. Desta maneira, ao relacionar com o ECF e com o que Olive (2017) indaga, a práxis comprometida é o estudo que se prontifica em ter o compromisso para além do acadêmico, paralelo com o social, na busca da subversão das injustiças sociais a partir do gênero.

organizaram para democratizar a investigação elaborada a partir das contribuições feministas.

Thorpe e Marfell (2019) apresenta-se neste estudo como um dos pontos fundamentais para o desenvolvimento desta abordagem, no sentido de que este texto aponta questionamentos para o entendimento do percurso na relação entre Estudos Culturais Físicos e o Feminismo. Nesse contexto, as autoras anunciam de forma potente a relevância das contribuições feministas para o campo intelectual dos ECF.

Paradoxalmente, o coletivo feminista publicado em Adams *et al.* (2016) apontam críticas aos Estudos Culturais Físicos por não reconhecerem as contribuições e a importância dos estudos feministas em muitos aspectos. Um dos exemplos citados por Olive (2017) neste estudo, é o objetivo em comum de ambos terem relação com imperativo político que posiciona a pesquisa como elo importante para a mudança social. As críticas das oito feministas, Adams *et al.* (2016), movimentaram o campo e surtiram efeito no *Handbook of Physical Cultural Studies*, pois, como argumentam Thorpe e Marfell (2019), 45 autoras acadêmicas se prontificaram em contribuir para este aspecto de discussões sobre o feminino, potencializando e reconhecendo as contribuições feministas para o campo de maneira engajada.

Desta forma, Thorpe e Marfell (2019), ao se embasar em uma dimensão empírica teoricamente fundamentada, utilizam de suas experiências para apresentar de forma potente a abordagem dos Estudos Culturais Físicos Feministas. Isso, paralelo a indagação de produção de conhecimento por autoras feministas que trabalham no que elas chamam de “interseção do feminismo e Estudos Culturais Físicos, em uma infinidade de maneiras de compreender a experiência corporificada, afetiva, reflexiva e política de mulheres em culturas físicas” (THORPE; MARFELL, 2019, p. 1, tradução nossa). Ao mesmo tempo, as autoras anunciam os desafios projetados pelo feminismo

para o campo, desenvolvendo uma contribuição positiva neste processo de desenvolvimento a partir das discussões de gênero e contribui:

Enquanto alguns ignoram isso, outros rejeitam completamente, outros abraçam este desafio e adotaram/ adaptando os Estudos Culturais Físicos de maneiras únicas para seus próprios projetos. [...] Hoje os Estudos Culturais Físicos são um campo dinâmico com uma série de variações emergentes (THORPE; MARFELL, 2019, p. 1, tradução nossa).

O objetivo de reconhecer os Estudos Culturais Físicos Feministas não é de causar delimitações no campo, mas de ampliá-lo, transcendendo e possibilitando utilizar-se disso para o embasamento de pesquisa em diferentes contextos, considerando aspectos do corpo feminino marginalizado no campo da cultura física (THORPE, MARFELL, 2019). Desta maneira, é importante, de acordo com as autoras, “explorar ainda mais o potencial do feminismo para se conectar aos Estudos Culturais Físicos, bem como a territorialização em curso, desterritorialização e marcações de limites” (THORPE, MARFELL, 2019, p. 1, tradução nossa). Desta maneira a réplica, em relação a Adams *et al.* (2016), é feito no sentido de que o campo dos Estudos Culturais Físicos, não é um campo homogêneo, mas que “as estudiosas do esporte e da cultura física são parte das discussões em andamento e do futuro do conjunto dos Estudos Culturais Físicos” (THORPE; MARFELL, 2019, p. 39, tradução nossa).

Adams *et al.* (2016) ainda alegam sobre o local de fala do corpo feminino nos Estudos Culturais Físicos, assim citando várias publicações da edição de 2011, como a edição especial intitulada de *Sociology Sport of Journal* (Jornal americano da Sociologia do Esporte), que tratava sobre os Estudos Culturais Físicos. Deste modo, Thorpe e Marfell (2019) observou que Adams *et al.* (2016) não reconheceram os estudos de Thorpe, Barbour e Bruce (2011), uma contribuição feminista dentro do campo. Esta contribuição de Thorpe, Barbour e Bruce (2011) é umas das referências que está presente nesta edição de 2011 e, por isso, pode ser compreendida como um destaque para os Estudos Culturais Físicos Feministas, sendo a primeira manifestação

dessa perspectiva no campo.

A partir disso, é importante apresentar o diálogo crítico entre as abordagens e dos estudos “para encorajar e teorizar o gênero e as múltiplas operações de poder social na cultura física” (THORPE; MARFELL, 2019, p. 6, tradução nossa). Nesse sentido, as autoras ainda defendem a perspectiva de que os Estudos Culturais Físicos Feministas não emergem visando substituir outras perspectivas feministas de estudo, mas potencializar ampliações sobre gênero, como por exemplo, as discussões acerca das mulheres nos espaços em que a cultura física se materializa.

Para esse desenvolvimento acadêmico, o *netball*, que é um esporte conhecido na Nova Zelândia, foi utilizado por Amy Marfell para ser investigado como o objeto de análise do corpo, no sentido de como este corpo feminino se organiza, de como é constituído e demarcado neste espaço, como as relações de poder são operadas e como esse corpo feminino age. Mediante isso, Thorpe e Marfell (2019) observam que os estudos feministas nos ECF são promissor e vêm tornando-se potentes ao utilizar o empírico e a transdisciplinaridade para se aproximar do contexto da pesquisa, buscando o entendimento de como esses corpos se organizam:

[...] por meio de um foco na relação entre o corpo, espaço e relações de poder, ela simultaneamente afirmou que a geografia é importante que corpos e experiências (e suas análises associadas) não podem ser removidos ou pensados separadamente dos “vários espaços” que estão constituídos- e que o corpo é central para produção, reprodução e manutenção do espaço social e das relações de poder (THORPE; MARFELL, 2019, p. 9, tradução nossa).

Thorpe e Marfell (2019) relatam que chegam à estudiosos(as) não esportivos, onde o campo da cultura física aparece nos espaços do corpo em movimento e nas complexidades que o envolvem, por exemplo, a perspectiva social no esporte. Nesse sentido, ultrapassando a um pensamento sobre o corpo ativo no esporte, neste caso o corpo feminino subjetivo e materializado no esporte, sendo que a autorreflexividade é algo utilizado já pelas abordagens com características feministas que ocorrem no interior dos Estudos Culturais Físicos.

Desta maneira, potencializam o discurso nos Estudos Culturais Físicos Feministas, de uma pesquisa empírica, teoricamente fundamentada, multimetodológica, com visibilidade dos corpos marginalizados e silenciados ao decorrer do processo histórico, pois “felizmente as estudiosas dos Estudos Culturais Físicos Feministas, têm uma forte linhagem de ativismo e cidadania” (THORPE; MARFELL, 2019, p. 13-14, tradução nossa). Dessa forma, a mudança social é um dos objetivos a serem desenvolvidos em uma pesquisa que utiliza dos Estudos Culturais Físicos Feministas, onde os/as pesquisadores/as percebem o sentimento de injustiça em suas experiências, para pensar e desenvolver estudos que compreendam essa organização dos corpos, com a possibilidade de subverterem as injustiças sociais existentes.

Todo esse enredo, apresenta-se como desafiador pelas autoras Thorpe e Marfell (2019), em uma perspectiva acadêmica em relação à tensão nas políticas de produção do conhecimento. Por fim, os Estudos Culturais Físicos Feministas apresentam parâmetros interdisciplinares, empíricos, sensíveis, políticos, teóricos, autorreflexivos e pedagógicos para considerar o contexto do estudo para investigações visando compreensão e subversão das injustiças sociais, mantendo o rigor acadêmico se apropriando de disciplinas distintas que se relacionam com a pesquisa a ser desenvolvida.

### **Considerações Finais**

As observações apontam para um rico campo intelectual de investigação, no qual, o diálogo ainda necessita ser mais explorado, acenando que esse nicho investigativo é amplo e muitos contextos desfavorecidos socialmente ainda precisam ser observados. Isso abre parâmetros para borrar as fronteiras acadêmicas e potencializar as dimensões dos Estudos Culturais Físicos, atrelados aos saberes feministas. A pesquisa

se apresenta como um elo que abre espaço para a perspectiva teoricamente comprometida, em que a práxis exerce o imperativo político feminista que Olive (2017) explana e que Louro (1997) chama a atenção para a contribuição política do feminismo.

Desta forma, democratizando o conhecimento e abrindo espaço para os corpos marginalizados, no caso deste estudo, para os corpos femininos que não se encaixam no padrão naturalizado e materializado. À vista de manifestar os Estudos Culturais Físicos como uma ação, um praticar, em diversas perspectivas, como política, pedagógica, teórica, transdisciplinar, reflexiva em suas demasiadas categorias e onde a cultura física é materializada. As autoras Thorpe, Barbour e Bruce (2011) acenam para como os estudos feministas contribuíram na materialização de ampliações teórico metodológicas nos Estudos Culturais Físicos. Esse pensamento potencializou as manifestações feministas nos ECF, direcionando “para a colaboração em pesquisa interdisciplinar, teoricamente fundamentada, reflexiva sobre o corpo feminino fisicamente ativo” (THORPE; BARBOUR; BRUCE, 2011, p. 105, tradução nossa).

Essa dinamicidade proporciona materialidades da epistemologia feminista dentro do campo dos Estudos Culturais Físicos, por meio das complexidades do corpo feminino indaga uma característica teórica fundamentada e colaborativa. Estes estudos expressam, discutem e tornam visíveis, inquietações das subjetividades femininas, visibilizando essas pautas em inúmeros locais de expressão da cultura física, como por exemplo, o esporte. O coletivo de autoras apresentado nesta pesquisa, apontam para uma direção de diálogo e relação entre ECF e estudos feministas, as quais procuram investigar “experiências vividas de fisicalidades ativas em mulheres e as inúmeras formas de poder operando em nossos corpos” (THORPE; BARBOUR; BRUCE, 2011, p. 108, tradução nossa).

Desta maneira, concluímos que pesquisa feminista está diretamente ligada a ação

para além da teoria, acionando apráxis e se apropriando de características políticas no interior dos estudos, ou seja, “a pesquisa feminista não é apenas uma forma de pensar e teorizar, mas é algo que fazemos” (OLIVE, 2017, p. 58, tradução nossa). Isso se aproxima muito das dimensões do ECF quando Andrews e Silk (2011) dizem acerca do “praticar ECF”, considerando que o percurso da construção do conhecimento é projetado na dimensão teórica, prática e social em forma de uma práxis por meio da pesquisa, comprometida com o rigor acadêmico e a democratização do conhecimento, para além do meio acadêmico. Nesse sentido, se aponta para a direção de que por meio da democratização desse conhecimento, a mudança social pode ser possível, assim como, o processo de empoderamento/questionamento da estrutura social para os corpos antes silenciados.

Como resultado, observamos a constituição dos Estudos Culturais Físicos Feministas, como uma ramificação possível e já reconhecida por algumas autoras, como por exemplo, Holly Thorpe e Amy Marfell (2019). Essas autoras informam que por meio da práxis, do estudo e dos aparatos sensíveis, os Estudos Culturais Físicos e o Feminismo usufruem para a investigação acadêmica e ao se complementarem, os saberes feministas fornecem potencialidades para as dimensões dos ECF, assim como, os ECF potencializam essa perspectiva feminista no interior do campo. Nossa leitura, ainda, sinaliza para como a abordagem feminista nos ECF explora formas de teorizar gênero e as múltiplas operações do poder social a partir da radicalidade do corpo como local central dessas operações; da autorreflexidade exercida pelas pesquisadoras ao narrarem seus corpos e suas experiências em pesquisas; e, do imperativo político como base para a mudança social progressiva, engajando-se com questões que transcendem a categoria “gênero”.

Portanto, reconhecendo as fragilidades da abordagem que ainda precisam ser mais estudadas e observadas por outros nichos, como por exemplo, o *queer*, o pós-colonial, entre outros. Concluindo que os Estudos Culturais Físicos não emergem com o objetivo de provocar mais rachaduras na comunidade acadêmica, mas de ampliar as discussões abraçando uma perspectiva transdisciplinar e reconhecendo as contribuições de outras disciplinas acadêmicas, como neste caso, as contribuições feministas. Por fim, entendemos que as relações entre Feminismo e ECF abrem espaços para elementos teórico-metodológicos ainda pouco explorados na educação física brasileira, o que poderá contribuir para o reconhecimento de todos os corpos que, de algum modo, experienciam injustiças relacionadas a gênero em suas intersecções sociais.

## REFERÊNCIAS

- ADAMS, M. L. *et al.* Feminist cultural studies: uncertainties and possibilities. **Sociology of Sport Journal**, v. 33, p. 75-91, 2016.
- ANDREWS, David. L. Kinesiology's inconvenient truth: the physical cultural studies imperative. **Quest**, v. 60, n.1, p. 45-62, 2008.
- ANDREWS, D. L.; SILK, M. L. Physical Cultural Studies on Sport. *In*: GIULIANOTTI, R. (Ed.). **Routledge Handbook of the Sociology of Sport**. Londres: Routledge, 2015. p. 83-93.
- ANDREWS, D. David L.; SILK, Michael. Physical Cultural Studies: engendering a productive dialogue. **Sociology of Sport Journal**, v. 28, n.1, p. 1-3, 2011.
- ARAÚJO, P. F. B. D.; SOUZA, M. J. D.; MARANI, V. H. Corpo, gênero e capoeira: experiências autoetnográficas a partir dos Estudos Culturais Físicos. **Licere**, v. 25, n. 1, p. 343–368, 2022.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org) **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- EVERS, C.; GERMON, J. Gendered Bodies. *In*: SILK, M.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. (Orgs.). **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**. Nova Iorque: Routledge International Handbooks, 2017. p. 141-149.
- FULLAGAR, S. *et al.* Feminist Knowledges as Interventions in Physical Cultures. **Leisure Sciences**, [s.l.], v. 41, n. 1-2, p. 1-16, 2019.



GIARDINA, M. D.; NEWMAN, J. L. What is this “Physical” in Physical Cultural Studies? **Sociology of Sport Journal**, v. 28, n. 1, p. 36-63, 2011.

LARA, L. M.; SÁ, A. B. D. S.; MARANI, V. H. Physical Cultural Studies e os desafios para a construção de seus tons brasileiros/latino-americanos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 45, p. e20230062, 2023.

LARA, L. M.; RICH, E. Os estudos de cultura física na Universidade de Bath-Reino Unido: dimensões de uma abordagem muito além da fisicalidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 4, p. 1311-1324, out./dez. de 2017.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação. *In*: LOURO, G. L. (Org.). **Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 14-36.

MARANI, V. H.; FRANÇA, Á. L. Dança, capoeira e interseccionalidade: relatos autoetnográficos e desafios político-pedagógicos. **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 133–157, 2024. DOI: 10.14295/de.v11i2.16108.

MARANI, V. H.; SÁ, A. B. D. S.; LARA, L. M. Introdução à obra *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*, organizada por Michael L. Silk, David L. Andrews e Holly Thorpe. *Acta Scientiarum. Education*, v. 43, p. e59271, 2021.

MARANI, V. H.; SILVA, G. G. M.; IRBER, E.; ARAÚJO, P. F. B. Gênero, sexualidade e raça nos Estudos Culturais Físicos: experiências formativas na educação física brasileira. **Humanidades & Inovação**, v. 8, p. 203–217, 2021.

OLIVE, R. The political imperative of feminism. *In*: SILK, M.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. (Orgs.). **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**. Nova Iorque: Routledge International Handbooks, 2017. p. 51-60.

OLIVE, R.; THORPE, H. Negotiating the ‘F-Word’ in the Field: Doing Feminist Ethnography in Action Sport Cultures. **Sociology of Sport Journal**, [s.l.], v. 28, n. 4, p. 421-440, dez. 2011.

PAVLIDIS, A.; FULLAGAR, S. The pain and pleasure of roller derby: Thinking through affect and subjectification. **International Journal of Cultural Studies**, [s.l.], v. 18, n. 5, p. 483-499, 13 fev. 2014.

PAVLIDIS, A.; OLIVE, R. On the track/in the bleachers: authenticity and feminist ethnographic research in sport and physical cultural studies. **Sport In Society**, [s.l.], v. 17, n. 2, p. 218-232, 2013.

PEREIRA FILHO, V. K. S.; IRBER, E. C.; MARANI, V. H. Corpo, masculinidades e cultura física: mapeamento inicial de pesquisas nos Estudos Culturais Físicos. **Corpoconsciência**, v. 27, p. e15076, 2023.

SÁ, A. B. S.; MARANI, V. H.; LARA, L. M. Narrativas autoetnográficas e desafios para a educação física nos Estudos Culturais Físicos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, p. e260027, p.1-19, 2021.

SÁ, A. B. S.; MARANI, V. H.; LARA, L. M. Estudos culturais físicos e sociologia do esporte: tensões, interfaces e desafios para a construção de seus tons latino-

americanos/brasileiros. *In*: STAREPRAVO, F. A.; CANAN, F.; HIRATA, E. (org.). **Política e sociologia do esporte**. Curitiba: EdUTFPR, 2023. p. 96-121.

SANDOLI, F.; MARANI, V. H. Corpo e Estudos Culturais Físicos: incursões iniciais. **Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Barra do Garças, v. 15, n. 1, p. 141–151, 2024.

SILK, M.; ANDREWS, D. L. Toward a Physical Cultural Studies. **Sociology of Sport Journal**, v. 28, n.1, p. 4-35, 2011.

SILK, M.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. Introduction. *In*: SILK, M.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. (Orgs.). **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**. Nova Iorque: Routledge International Handbooks, 2017. p. 1-12.

SILK, M.L.; MAYOH, J. Praxis. *In*: SILK, M.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H.(Orgs.). **Routledge Handbook of Physical Cultural Studies**. Nova Iorque: Routledge International Handbooks, 2017. p. 61-69.

SOUSA, L. L.; GRANDO, B. S.; MARANI, V. H. Desvendando as raízes dos estudos culturais físicos: das reflexões iniciais à institucionalização acadêmica. **Motrivivência**, v. 35, n. 66, p. 1–20, 2023.

THORPE, H; BARBOUR, K.; BRUCE, T. “Wandering and Wondering”: Theory and Representation in Feminist Physical Cultural Studies. **Sociology of Sport Journal**, [s.l.], v. 28, n. 1, p. 106-134, 2011.

THORPE, H.; MARFELL, A. Feminism and the Physical Cultural Studies Assemblage: Revisiting Debates and Imagining New Directions. **Leisure Sciences**, [s.l.], v. 41, n. 1-2, p. 17- 35, 2019.

#### **Endereço dos(as) Autores(as):**

Eduarda Carolina Irber  
Endereço eletrônico: dudairber@gmail.com

Ábia Lima de França  
Endereço eletrônico: abia@ufa.br

Vitor Hugo Marani  
Endereço eletrônico: vitor.marani@ufg.br